

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
VIAGENS PELA NOITE – O MUNDO DE ANATOLE LITVAK
26 e 27 de Dezembro de 2024

TOVARICH / 1937
(Tovarich)

Um filme de Anatole Litvak

Realização: Anatole Litvak / Argumento: Casey Robinson, baseado na adaptação de Robert E. Sherwood de uma peça de teatro de Jacques Deval / Direcção de Fotografia: Charles Lang / Direcção Artística: Anton Grot / Guarda-Roupa: Orry-Kelly / Música: Max Steiner / Som: Dolph Thomas / Montagem: Henri Rust / Interpretação: Claudette Colbert (Grã-Duquesa Tatiana Petrovna Romanov), Charles Boyer (Príncipe Mikhail Alexandrovich Uratieff), Basil Rathbone (Dimitri Gorochenko), Anita Louise (Helene Dupont), Melville Cooper (Charles Dupont), Isabel Jeans (Fermonde Dupont), Morris Carnovsky (Dubieff), Victor Kilian (o gendarme), Maurice Murphy (George Dupont), Gregory Gaye (Conde Frederic Brekenski), Montagu Love (Courtois), Renie Riano (sra, Courtois), etc.

Produção: Warner Bros. / Produtor: Anatole Litvak / Cópia 35mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 98 minutos / Estreia em Portugal: São Luís, a 4 de Fevereiro de 1941.

Anatole Litvak voltou várias vezes, ao longo da sua obra, a temas e ambientes relacionados com a história da Europa centro/oriental, como já vimos e continuaremos a ver no decurso do presente ciclo. Por esta altura do ciclo – já várias “folhas” o fizeram também – não será preciso repetir o quanto essa história, esses temas e ambientes, se relacionam com a história pessoal do próprio realizador. Realizador e, aqui pela primeira vez, mal acabado de chegar a Hollywood (**Tovarich** foi o seu segundo filme americano, depois de **The Woman I Love**), igualmente produtor de si próprio, a filmar uma história sobre um mundo que certamente conhecia bem: o dos “russos brancos” emigrados em Paris depois da Revolução de 1917. Há todas as razões para acreditar que não tenha sido um projecto casual.

Originalmente, a peça teatral na base do argumento vinha de França, onde no princípio da década de 30 fora um grande sucesso nos palcos parisienses, a explorar o fascínio, pleno de ambivalência, tanto pelos revolucionários soviéticos como pelo destino da aristocracia russa. Tão grande foi o sucesso parisiense que a Broadway importou a peça, numa versão traduzida/adaptada pelo famoso Robert E. Sherwood, que se manteve em cena durante cerca de um ano por volta dos meados da década. Foi esta adaptação americana que Casey Robinson transformou num argumento cinematográfico, a pedido de Litvak.

É um mundo estereotipado, evidentemente, assente em todos os clichés (e em toda a ambivalência) habitual nos olhares comuns da época tanto sobre os russos “vermelhos” como sobre os russos “brancos”, a que se junta algo que tem muito a ver com a atracção

pelos mundos da aristocracia europeia que marcou tanta da comédia sofisticada que se fez em Hollywood nos anos 30. Há a tendência para se aproximar **Tovarich** da **Ninotchka** que Ernst Lubitsch estrearia dois anos depois, e claro que isso é um gesto tão “certo” como um reflexo pavloviano mas que não convém, mesmo assim, levar longe demais: primeiro, porque a simetria não é absoluta (o filme de Lubitsch detinha-se nos russos “vermelhos”, que aqui só têm verdadeiramente um representante, o Comissário interpretado pelo sempre excelente Basil Rathbone), depois porque o génio de Lubitsch e dos seus argumentos multiplicava os ecos políticos numa profusão de estilhaços que tanto atingiam a União Soviética como os estereótipos com que o anti-comunismo americano a via, e era portanto, enquanto tapeçaria política, objecto bem mais intrincado.

E, de facto, estabelecidos os pilares narrativos da intriga de **Tovarich** (o casal de aristocratas russos refugiados em Paris, tutelando, sem lhe tocarem, uma colossal fortuna cuja guarda lhes foi confiada por Nicolau II, e vivendo como criados em casa de uma família da aristocracia, ou pseudo-aristocracia, francesa) quase se pode esquecer a questão política, que a partir de certa altura passa a ter poucos sintomas, poucas saliências (embora, a este respeito, seja saliente o momento em que o Príncipe e Grã-Duquesa assumem que não há volta a dar, que não haverá nenhum grande movimento de contra-revolução nem o dinheiro que tutelam servirá para o financiar). Tudo se torna, em termos de mecânica narrativa, uma clássica história de impostura temperada com observações de classe (um pouco como o genial **My Man Godfrey** de Gregory La Cava, estreado no ano anterior). O retrato dos ricos aos olhos dos falsos pobres, ou dos novos-ricos aos olhos dos aristocratas, o desmanchar do verniz (os interesses românticos cruzados, o sector feminino da família encantado com Boyer, o sector masculino com Colbert, fazem imaginar os níveis estratosféricos a que alguém como Lubitsch levaria a situação e as situações), a obstinação disciplinada do par central, a espécie de suspense (a sequência do jantar com o comissário, a mais conseguida e eficaz de todo o filme) que alimenta a possibilidade de serem reconhecidos e denunciados. Tudo razoavelmente divertido (os actores, sobretudo, são previsivelmente excelentes) mas também sempre mantido com a rédea relativamente curta, sem aquela manifestação do génio de tantas comédias do período que consistia em levar as coisas sempre um pouco mais longe, e depois um pouco mais longe ainda.

Luís Miguel Oliveira